

# O FIGUEIROENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor  
José Francisco da Silva  
Director e Administrador  
Joaquim dos Santos Graça

### ASSIGNATURAS

Um anno	1200
Sem mezes	600
Trimestre	300
6 mezes	1200
Numero avulso	500

Annunciam-se as listas das quotas se crederem convenientes

### Publica-se nos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia

### CENTRO REPUBLICANO

Rua da Arca — FIGUEIRO DOS VINHOS

### PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

#### Preços convencioneis

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director  
Impressões e annuncios nas publicações são no mesmo  
Anuncios permanentes e convencionais dos preços convencioneis

## GOVERNAR

Uma das muitas medidas que o novo governo tenciona levar a efeito para fazer diminuir o deficit orçamental, é lançar novos impostos sobre a produção agricola e industrial.

E' um erro. E' um erro porque essas novas contribuições vão agravar assustadoramente a carestia da vida, que, como todos sabem, é cada vez maior e sem que se veja o limite da subida constante dos preços dos generos de primeira necessidade e até daqueles que o não são.

Ha certas coisas precisas quotidianamente que aumentam hora a hora, sem que se veja a razão d'isso.

Podem-nos dizer: o agio de ouro, a depreciação da moeda, o aumento de salários, as poucas horas de trabalho estabelecidas por lei.

Neste ponto, que é uma parte da causa, está bem.

Mas juremos a isto a ganancia do produtor, o intermediario ganancioso, o aumento dos preços dos fretes, resultado da ganancia da classe ferro-viaria—levada por aqueles, e a ganancia, embora já relativamente minima do revendedor e eis as duas partes juntas que são em conjunto o que se vê e sente.

Ora se o governo aumentar as contribuições sobre a produção, teremos em resultado o gravame dos preços da mesma produção e assim o que hoje custa 20 amanhã passará a custar 30 ou 40 e consequentemente os salários subirão e, por consequência, os industriaes terão que aumentar os generos que fabricam ou fazem produzir nas suas terras.

Isto é um X constante que posto em equação mais Z dá sempre em resultado a constante subida de tudo—preciso e inutil.

O que o governo devia fazer era, ao contrario do que pensa, pôr um dique á ganancia operaria tabelando o preço bruto e, assim, o preço do genero.

Daria em resultado, junto com o trabalho livre a um tanto por hora e não por dia o industrial e agricultor não poderiam subir o preço do produto, o aumento de produção, maior exportação, menor importação,

desocida do agio de ouro e desatogo para os cofres do Estado, quasi estrangulados pelo preço do dinheiro estrangeiro.

Em paridade com isto: importação livre das maquinas industriais e agricolas e ajuda maxima á agricultura e industria, e estabelecendo premios ao industrial que mais e melhor fabricasse e ao agricultor que mais aratos de terreno cultivasse.

Deste modo o dinheiro que era sempre empregado em empresas de especulação de tudo menos do útil, passava a montar fabricas e a cultivar terras e em dois ou tres anos as fabricas multiplicavam-se e as terras baldias, que vemos a cada passo, dariam ottimo milho, trigo, centeio, vinho etc. que nos falta e que vamos comprar lá fora, a peso de ouro.

Quasi nada temos, tenlo tudo. E porquê?

Porque os governos apenas se lembram de que os cofres publicos estão exaustos e que é preciso ir buscar onde de houver.

Até hoje tem havido.

Mas se um dia, proximo talvez, não houver em parte alguma, onde o ha de ir buscar?

Dinheiro-papel á casa da moeda?

Mas isso são baldes de oxigenio que apenas fazem perorar o sofrimento do doente.

Mas isso é viver noticiamente e tudo o que é flúcio acaba depressa.

Não. Positivamente vai-se andando por caminho errado.

O governo actual quer fazer economias.

Muito bem. E juntamente com essas economias faça o que acima apontei... se bem que saiba ser clamorosos in deserto...

Reguem na obra de Pombal, estudem-na, modernizem-na, apliquem-na conscienciosamente e sem olhar a compadres e afilhados e veremos o nosso paiz navegando num mar de felicidade á luz deste nosso belo sol e o povo á volta do trabalho cantar alegre e satisfeito do dever cumprido, aspirando soffrego e aroma das

rosas deste jardim da Europa á beira mar plantado.

Mas para que isto seja um facto é necessario juizo, tacto administrativo... e honra.

Que tudo isto ha muito que falta lá no Terreiro do Paço e S. Bento.

Wladimir P'Almeida

Zito Alves da Silva

Encontra-se por algumas dias nesta nossa e sua terra este no-no passado politico e amigo, empregado superior e muito considerado do Município P'lo Geral, que veio, como de costume, visitar sua velha praça e esta terra em que nasceu e pela qual tem justificada predilecção.

Damos-lhe as boas vindas num grande abraço de amigos velhos e fazendo votos sinceros para que em todas as visitas venha a sua agraciada visita.

### Crise ministerial

Segundo ressur os arautos da opposição tem o presente governo os seus dias contados, devendo em breve ser declarada a respectiva crise ministerial.

Nada sabemos de positivo sobre esse momentoso assunto mas a verdade é que, desde que o sr. presidente do Ministério não soube pôr de parte o seu sectarismo partidario, em conjunctura tão delicada como aquela que o paiz atravessa, a sua duração tinha que ser efemerica e curta, pois é forte de toda a duvida que o paiz prefere todos os perigos que o ameaçam ao perigo democratico, que é o maior de todos.

Caia Troia, se tiver que cair, venha o que vier se mister é de vir, que tudo é preferivel a esse consolado, de honnosa memoria, do predominio democratico, que arrastou a nossa desditosa Patria, para os maiores desastres que a sua Historia regista, de que já principiámos a sofrer-lhe as terriveis consequencias, que ainda bem não se sabe para que terriveis convulsões tenham de arrastar-nos!...

Nunca combateimos o actual governo e, embora nesse

adversario politico, aqui apontamos por vezes e com sincero calor as suas medidas sobre a ordem publica; mas desde que ele se deixou envenerar por influencias partidarias, que todo o paiz repele com justificada indignação, perdeu para nós todo o merecimento e votos fazemos pelo seu rapido afastamento do poder, convencidos como estamos que nada ha mais perniciosa e aviltante para este desgraçado paiz como o resurgimento do desastroso predominio democratico, com que urge acabar uma vez para sempre, para que de todo lhe não acabem nas mãos esses restos de vida, já bem pouco animadores, é certo, que esta nacionalidade, que foi grande no passado, ainda manifesta.

Toda, toda, absolutamente tudo menos essa demagogia trociscata, cujos actos e processos revelados em pleno Congresso da Republica, o vem transformando num verdadeiro lavadouro de roupa suja.

### Desastre fatal

No lugar do Bundo desta freguezia o concelho foi no domingo passado vítima d'uma duessa imprevidencia que lhe custou a vida, uma creancinha de 4 annos intelligente e formosa, que era o orgulho do estremo e que de toda a familia a que pertencia, filha unica do mesmo bom amigo José Martins, alcaide daquelle lugar.

Costumava elle ir brincar para casa de seu vizinho Manoel Costa, d'aquelle lugar, com uma filha deste, de 13 annos de idade, de nome Maria Costa, que naquelle domingo de tarde saiu uma vez a chamar tudo com ella para um caso onde d'ali a poucos minutos se ouviu a detonação d'um tiro de espingarda.

Esse tiro, dado por verdadeiro desastre quando, ao que se presume, a pequena Maria Costa procurava mostrar á pobre creancinha como se apae matava os coelhos, sem decerto se lembrar que a espingarda podia estar carregada, como infelizmente estava, apanhou-a em pleno rosto estacelando-lhe

a cabeça e dando-lhe morte instantanea.

Foi geral a consternação em todo o lugar do Bundo onde toda a gente sympathizava com a graça da innocente vittima, cuja familia é ali muito estilhada.

Mais uma vez a imprevidencia dos homens deu lugar a um desastre fatal que decerto se não teria dado se não tivessem deixado a casa de fogo, por demais carregada, no silencio do crepusculo.

### Milho e feijão

Pelo sr. Administrador deste concelho foram publicados editaes convidando todos aquelles que possuem milho e feijão de sobejo para seu consumo, a concorrer com esses generos aos mercados desta vila, para estarem, se quizerem, que esses generos tenham que lhe ser apreendidos, caso em que terão que responder com a quantia de d'elles cuja multa minima é de um conto reis.

Sabemos que as ordens do governo, as que respeito a generos de consumo, não podem ser usadas apertadas e que por isso o sr. Administrador tem que as cumprir dou a quem dóer e custe o que custar.

Por tais condições é de caso de ver aconselhar todos os que tem milho e feijão para vender, a trazerem com demora esses generos para o mercado se não quizerem ver-se em trabalhos duros.

N'alguns mercados vicinos do nosso, já principiaram os careços á causa dos produtores, careços que são feitos por fiscaes mandados pelo Ministerio das Substituecias e conjuccionados pela Guarda Republicana, e por isso quem quizer que se acutele em quanto tempo, campriado a lei sem essas agitações, se não quizerem depois sofrer-lhe as consequencias, que são sem duvidas e ás quaes não ha meio de se fugarem.



# MEZ DE MARIA

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Socorro Bastos

Chegou, enfim, o tempo delicioso  
Da primavera alegre e florescente,  
Em que a lua a brilhar, alvinitente,  
Cobre de luz o campo venturoso.

Já canta o rouxinol vulturoso  
A' sua amada o seu amor ridente,  
Num lindo gorgear intermitente,  
Como a pedir-lhe um beijo vaporoso.

Canta na fraga a agua mormurosa,  
A brisa passa a bafejar o espaço,  
Leve e subtil qual leve mariposa;

E até a creancinha no regaço  
Da mãe, que a beija terna e venturosa,  
Sente da primavera o doce passo.

Wladimir d'Almeida

## A'S FURTADELAS...

Não a tenho podido contem-  
plar senão ás furtadelas e pou-  
cos minutos tenho estado per-  
to dela—menos, talvez, do que  
as letras do seu nome bap-  
tisma, esse doce nome com que  
se póde começar uma prece,  
ou se póde escrever, entre ou-  
tras palavras e até frases, a  
palavra—Amor.

A sua figura, graciosa e se-  
dutora, impressiona e subjuga  
as almas mais rudes e os cora-  
ções menos sensíveis e, toda-  
via, nunca a minha penna, ha-  
bituada a reproduzir o que eu  
sinto, teve hesitações como a  
que está experimentando para  
a retratar!

Na pobreza da minha prosa,  
falha de cores e de vibratili-  
dade, estaria a explicação do ca-  
so, se com ela eu não tivesse  
traçado o perfil de louras e mo-  
renas—algumas, por signal,  
tão bem retratadas que as  
proprias se reconheceram; per-  
que a sua beleza não tivesse  
provocado gritos de alerta! no  
meu sentimento de Belo—en-  
tre todos, o que mais preocupa  
as minhas faculdades mo-  
raes—tambem não póde ser  
a causa que eu procuro, pois a  
sua formosura, embora só fur-  
tivamente eu a tenha contem-  
plado, é d'aquellas que nem a  
minha amnesia visual—passe  
o neologismo—póde esquecer,  
tão fascinadora ella é no seu  
conjuncto como nos seus de-  
talhes!

Enfim... fumo e scismo...  
e ás espiraes de fumo esbran-  
quiçado do meu cigarro per-  
gunto a causa do meu embra-  
tecimento e ellas deixam-me na  
mesma ignorancia...

Não sei o que isto é, não  
sei!

Ponho-me de pé, olho para  
o arvoredado, acariciado pela  
brisa matutina, e vejo um rou-  
xinol a saudar com os seus  
enternecidos gorgeios os pri-  
meiros raios de sol! Este bate  
em cheio na sua plumagem e,  
segundos depois, vem acarici-  
ar-me as faces macilentas!

Concentro-me... e a sua  
figura, irradiando mocidade e  
os mais extranhos encantos,  
surge no meu espirito como se  
estivesse sonhando! Tenho-a  
junto de mim, sinto-lhe o arfar  
do peito e vejo-a como que  
adejando na minha frente...

Assêsto-lhe a minha *objecti-  
va*, mas, meteoro que se extin-  
gue na imensidade do firma-  
mento, apenas alguns laivos  
luminosos ella póderia ter  
apanhado...

Recolho-me á camara escu-  
ta da minha alma e vou proce-  
der á *revelação* do respectivo  
*cliché*, do qual extrahirei duas  
cópias sem retoques—uma pa-  
ra o “Figueirense” e outra  
para ser archivada no meu *Re-  
licario* com a inscrição de que  
ocupará um lugar de honra  
na grinalda que ando tecendo,  
para oferecer ás mulheres por-  
tuguezas, no unico livro que  
tenciono escrever—“O Meu  
Platonismo”.

Nem alta nem baixa, nem  
magra nem gorda—a sua figu-  
ra é o maximo de perfeição e  
de harmonia. A cabeça, con-  
trastando com a serenidade do  
seu rosto, lembra um pedaço  
de onda de mar revolto, con-  
templado em noite escura e  
donde irradiam reflexos se-  
melhantes aos de laminas de  
bronze; os olhos, rasgados e  
vivissimos, são tambem negros,  
havendo n'elles como que uma  
caricia que nos enternece, mas,  
fitando-a melhor, vemos se-lhos  
pálhetas de fogo preto luzindo  
extranhamente e advinha-se-  
lhes *em tudo nada* de malicia  
que intimidá quem os preteada  
fitar demoradamente; a boca,  
de um corte regular e cuja or-  
la fosse guardada com peda-  
ços de cereja, ao entreabrir-se,  
oferece-nos a deliciosa perspec-  
tiva de que vai pronunciar  
palavras santas e propheticas;  
o collo, rescendendo ao aroma  
de rosas e cravos, em noites  
luarentas de primavera, é tor-  
neado como um bloco de ne-  
ve que passasse pelas mãos  
de um estatuario; o seu sorrir-  
se, symbolo de ventura, de fé  
e de esperanza, dá-nos o mes-  
mo contentamento que as

creanças sentem quando veem  
um ramalhete de cerejas; as  
mãos, quando dedilham ao pia-  
no, agitam-se febrilmente como  
azas de pombas brancas e os  
pés, de pequeninos que são, ins-  
piram desejos de apertar de  
rosas as ruas por onde ella ca-  
minha com passo tão caden-  
ciado e subtil que parece uma  
d'essas mouras encantadas dos  
nossos antigos trovadores.

E a sua voz? Bastaria ella  
para a gente acreditar na exis-  
tencia de Deus! Se os anjos  
assim cantam, que elles me  
arrebatem d'este mundo quan-  
to antes!

Quando a ouço cantar—aqui  
o juro sollemnemente—perco a  
vontade propria e a noção da  
minha personalidade! Um ges-  
to seu, n'esse momento—e eu  
mataria com ferocidade, não  
obstante o meu sentimentalis-  
mo e o meu horror á pratica  
de actos violentos!

O seu canto traz-me ao pen-  
samento uma amalgama de re-  
cordações que me delectam os  
sentidos! E' o badalar plan-  
gente dos sinos da minha al-  
deia, á hora das trindades,  
quando eu saltitava pelos pra-  
dos atraz das borboletas; é a  
minha santa Mãe a rezar á ho-  
ra do terço; é a primeira com-  
unhão da Rosita do Moimho,  
toda vestida de branco, a di-  
zer me que nunca se esquece-  
ria de mim no mesmo dia em  
que, pela primeira vez, eu sahia  
do lar paterno para longes ter-  
ras; é aquella noite de esturdia  
em companhia do saudoso Hi-  
lario, o hohentio Coimbrao que  
irradiou por toda a parte as  
suas trovas populares e os  
ecos dolentes do seu fado—  
desde o alto Minho aos confins  
de Algarve, nos mais escondi-  
dos e isolados recantos de  
Portugal, entre as populações  
ingenuas e supersficiosas da  
borda d'agua e entre os rudes  
e primitivos pegureiros das  
nossas serranias; é, finalmente,  
uma infinidade de reminiscen-  
cias repassadas de saudade  
dos tempos idos a entrecho-  
carem se dentro d'esta alma  
para sempre enluctada...

NARCISO

## O AÇUCAR

Terminou já a distribui-  
ção do *quebrado* da Camara,  
devendo porém, brevemente  
ser distribuido, o da Associa-  
ção Commercial com o qual  
a Camara ainda tem, sendo  
por isso tempo perdido, um  
á Camara solicitar a quest.

## MILHO

Vende qualquer  
quantidade ao pre-  
ço da tabela.

Carlos Liborio  
Figueiró dos Vinhos

## Audiencia geral

Como noticiámos oportu-  
namente realison-se no dia  
30 do proximo findo mez de  
Abril a audiencia de julga-  
mento do seu Antonio Man-  
des Elisio desta vila, auctor  
confesso do crime de arro-  
bamento e roubos na outrive-  
saria do nosso estimado ami-  
go Manoel Lourenço Gomes  
dos Santos, desta vila.

O Jury deu o crime por  
provado reduzindo-lhe po-  
rém o valor de forma a habi-  
litar o Meretissimo Juiz a  
dar uma pena que não fosse  
demasiado grande, no reu,  
que foi afinal condemnado a 3  
anos de prisão maior celular,  
ou, na alternativa, a 5 anos  
de degredo na Africa.

Foi acertada a decisão do  
Jury e consequente resulta-  
do do julgamento que pro-  
duziu boa impressão no nos-  
so meio.

## Venda de proprie- dades

Vende-se uma proprieda-  
de sita no Barreiro desta vi-  
la, junto á estrada nova, que  
se compõe de terra de se-  
meadura com oliveiras e va-  
rias arvores de fructo e vidre-  
cas; tem junto á estrada um  
grande barracão parte cons-  
truido com pedra e parte  
em madeira.

Uma morada de casa de  
sobrado e lojas, sita na rua  
da Agua em frente á Fabri-  
ca do Pão de Ló

Quem pretender póde di-  
rigir-se ao proprietario dos  
mesmos predios, Manoel  
Quaresma, desta vila.

## AZEITE

Manoel Luiz Agria Ju-  
nior, participa ao publico,  
que desde já expós á venda  
para ser vendido ao litro, o  
seu azeite na sua antiga ca-  
sa ao rego, em frente do sr.  
Carreira.

## AO COMERCIO E IN- DUSTRIA

Oferece-se socio  
comanditario.

Informa esta re-  
dação.

## DENTISTA

O Cirurgião dentista J. A. Ma-  
ta, participa aos seus dig.<sup>os</sup> clien-  
tes que por motivo de muitos ser-  
vicos que ultimamente tem apa-  
recido, resolveu conservar-se nesta  
vila ate ao dia 25 de maio.

Mais uma vez pode se houver  
qualquer reclamação a fazer para  
ser feita com a agencia; o que muito  
agradece.

## LOJA

Arrenda-se uma na rua  
do Sol, servindo para depo-  
sito ou para qualquer ar-  
tista.

## Arrenda-se

Arrenda-se a loja onde  
tem estado o armazem de fa-  
zendas de Agria & compa-  
nhia.

Quem pretender dirija-se  
ao seu proprietario.

Manoel Luiz Agria Junior

## Usem todos

## A LUZ DO SOL

Sistema WIZARD

Funciona a gazolina e  
petroleo

Luz mais clara que a ele-  
tricidade e por menos di-  
nheiro.

As lampadas WIZARD:  
são higienicas, sim-  
ples, solidas, elegan-  
tes, e sobretudo muito  
economicas.

Não demorem os seus pe-  
didos ao Agente

JULIO TISSOT DAS CANTAS  
Figueiró dos Vinhos

## HOTEL VIZIENSE

Rua dos Baquederos, 7, 8.

Lisbon

O proprietario, previne os  
seus passageiros que não  
se deixem iludir por intrusos  
que se dizem empregados da es-  
ta para assim os ludibriar, levan-  
do-lhes preços exorbitantes em  
comparação aos que actualmente  
tem, que são:

Almoço, separado	500
Alm. no quarto e jan. com man- jete	100
Quarto	150
Almoço	1500
do quarto por pessoa	200

Nestes preços está incluido  
vinho as refeições.

Peco mais a fineza de verificar  
o embudo do hotel, o qual tem  
os algarves da casa que o empre-  
gado representa, evitando assim  
o erro para outra.

Mais previne que neste Hotel  
tem empregados habilitados para  
acompanhar os seus passageiros  
gratuitamente ás agencias e indi-  
car-lhes a melhor forma de em-  
barque e condução das suas ba-  
gagens, evitando assim o serem  
explorados.

Pede aos que desejam procu-  
rar o seu hotel, o avisem para os  
ir esperar.

N'este hotel trata-se de procu-  
rações e facilita-se o recebimento  
de letras.

O Proprietario

Antonio do Carmo Ceada